

A HOMOSSEXUALIDADE NA REDE – DISCURSOS GENERALIZANTES E A INTERPELAÇÃO PELA IDEOLOGIA.

Leda Verdiani TFOUNI¹

Jeferson Luis LIGEIRO²

Dionéia Motta MONTE-SERRAT³

Resumo: Fórmulas genéricas (normas, provérbios, ditos populares) apresentam estrutura sintática com sujeito indeterminado. Nelas o sentido funciona tanto como ferramenta para manifestação de discriminação, como para confrontação da mesma. Em textos sobre a homossexualidade na mídia eletrônica, duvidamos da suposta obviedade dos sentidos quando atentamos para os processos discursivos que subjazem aos processos sintáticos produzindo a polissemia. Observamos que o sujeito homossexual, na tentativa de legitimar a homossexualidade e buscar reconhecimento de sua orientação, não se dá conta de que se apropria do discurso discriminatório, condenando sua condição. Sob esse paradoxo apresentamos interessante discussão sobre o sujeito e a interpelação ideológica.

Palavras chave: Genéricos discursivos. Processos discursivos. Interpelação ideológica.

Abstract: *Generic formulae (rules, proverbs, popular sayings) have a syntactic structure with undetermined subject. They carry a sense that works both as manifestation of discrimination and as confrontation to it. In this research, we have observed that texts about homosexuality in the electronic media try to establish one (obvious) meaning, but, when we study their syntactic processes under the perspective of discourse analysis, it is possible to find multiple related meanings. We have observed that the homosexual subject's attempting to legitimize his homosexuality and his seeking to recognition are situations that lead him not to realize sometimes that his/her own discourse is discriminatory, and condemns, or tries to hide his/her condition. Examining this paradox, and trying to understand it, we present an interesting discussion on the subject and the ideological interpellation.*

Key-words: *Generic formulae. Discursive processes. Ideological interpellation.*

¹ Professora Titular Sênior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP); coordena o grupo de pesquisas AD-Interfaces cadastrado no CNPq; realizou estágio de pós-doutorado na universidade Paris III (Sorbonne Nouvelle), com Jacqueline Authier, e na Universidade de Bologna, com Carlo Ginzburg. É pesquisadora do CNPq. Ribeirão Preto, SP, Brasil. Email: lvtfouni@usp.br

² Psicólogo e Bacharel em Psicologia pela FFCLRP-USP. Ribeirão Preto, SP, Brasil. Email: jlligeiro@hotmail.com

³ Doutora em Psicologia pela FFCLRP-USP. Bolsista CAPES-BEX 4394/10-0, com Doutorado Sanduíche na Universidade Sorbonne-Nouvelle, Paris 3 (set/dez 2010), sob co-orientação do Prof. Jean-Jacques Courtine. Bolsista FAPESP 09/54417-4, com estágio na École des Hautes Études en Sciences Sociales (fev 2012), sob orientação do Prof. Marcello Carastro. Ribeirão Preto, SP, Brasil. Email: di_motta61@yahoo.com.br

Introdução

Vivemos, na contemporaneidade, um período de contrastes. Há formações discursivas que colocam a homossexualidade como um fato visto como uma entre tantas outras características humanas e, também, é possível encontrar outros lugares discursivos, onde a homossexualidade é vista como um desvio ou doença. Prado e Machado (2008) afirmam que, a partir da década de 1960, houve, no Ocidente, grandes transformações sociais que interpelaram as significações acerca da homossexualidade e da sexualidade como um todo. No século XXI observam (op.cit.) uma visibilidade cada vez maior de padrões de comportamento sexuais não hegemônicos no interior das sociedades.

No entanto, ainda persiste um discurso patológico e negativo acerca da homossexualidade. No Brasil, tal visão está presente no discurso religioso, sobretudo entre as religiões ditas evangélicas. Um estudo feito por Natividade (2008) a respeito da visão que tais religiões adotam sobre a homossexualidade mostrou que, para elas, trata-se de um comportamento aprendido, um problema espiritual e uma antinatureza. Para boa parte dos evangélicos, a homossexualidade não representa um atributo "natural" do sujeito e tal prática poderia ser abandonada pela restauração e cura; o que revela a ideia de uma normalidade heterossexual. O tema que abordamos neste trabalho ganha atualidade, ainda, em função de acontecimento político recente que resultou na indicação de um pastor declaradamente homofóbico para presidir a Comissão de Direitos Humanos da Câmara.

Consideramos o tema da homossexualidade associado aos discursos generalizantes com o intuito de refletir sobre a coexistência de posicionamentos ideológicos conflitantes na sedimentação dos sentidos dos discursos: o discurso do preconceito como discurso dominante e o discurso dominado da igualdade dos direitos sociais. Prado e Machado (2008) afirmam que o preconceito é um mecanismo que se baseia na hierarquização, e se instala no momento em que a diferenciação grupal não permite um sentido de comparação que não seja de exclusividade, o que leva à discriminação.

A discriminação a que os homossexuais estão submetidos é causada historicamente por formações discursivas materializadas em tabus, pressupostos religiosos e visões unilaterais de grupos sociais diversos. Segundo os autores citados (op.cit.), os homossexuais formam uma categoria social caracterizada pela desigualdade, exclusão social e pela restrição no acesso aos direitos sociais.

Um estudo feito por Lacerda, Pereira e Camino (2002) entre universitários da cidade de João Pessoa revelou que 38% dos entrevistados tinham um nível de preconceito sutil, e que outros 38%, tinham um nível de preconceito flagrante em relação à homossexualidade. Apesar de o discurso do preconceito vir sendo questionado, de maneira que a homossexualidade tenha deixado de pertencer à classificação de “doença”; embora se tenham organizado movimentos para que os homossexuais obtenham direitos legais, essa luta pela desnaturalização da condição de inferioridade permanece sob forma sutil, e muitas vezes disfarçada. É o que pretendemos mostrar neste texto, ao descrevermos como se dá o processo de interpelação ideológica.

Escolhemos analisar as fórmulas genéricas pelo fato de seu funcionamento permitir que se perceba a imposição de um sentido dominante do preconceito, e, ao mesmo tempo, o “disfarce” desse mesmo preconceito, numa espécie de “lado avesso” da ideologia; ou seja, os genéricos discursivos permitem observar a tensão de sentidos se instalando, permitem desconstruir a aparente neutralidade do dizer que tenta ocultar outros sentidos que poderiam emergir naquela mesma situação. Assim, podemos afirmar que os genéricos comportam um funcionamento cujo sentido se alia à ideologia dominante do preconceito, mas que, em condições de produção adequadas, podem fazer emergir um sentido de resistência, em que essas formações discursivas dominantes são contestadas.

Esse funcionamento aparentemente paradoxal pode ser observado a partir da perspectiva discursiva (PÊCHEUX, 1997), a qual mostra a constituição dos sentidos pela ideologia, sendo, esta última, entendida não como ideia, mas como força material (op.cit.), que determina o sentido que emerge no discurso do sujeito. A ideologia está ligada ao inconsciente e ao esquecimento nº1 (GADET; HAK, 1990, p.180-181). Submetido à, e interpelado pela ideologia, o sujeito acredita que, quando diz algo, essa seria a única maneira possível de dizer. Desse modo, a ideologia cala outros sentidos possíveis, e naturaliza um como sendo o único. Porém, como sempre algo escapa da simbolização, esse sentido recalcado retorna em outros lugares possíveis. Os genéricos, pelo fato de admitirem interpretações aparentemente antagônicas e até paradoxais, prestam-se a indiciar esse funcionamento.

Genéricos discursivos e interpelação ideológica

As fórmulas genéricas (normas, palavras de ordem, divisas, provérbios, slogans, ditos populares) possuem a peculiaridade de que, em sua estrutura sintática, o sujeito é indeterminado ou não localizado referencialmente, além de o verbo, quando ocorre, estar no “presente omnitemporal”

(TFOUNI, 2004, p.78). Por exemplo: “Casa de ferreiro, espeto de pau”, “Nem tudo que brilha é ouro”, “Banespa: o dono é você”. Assim materializados linguisticamente, esses discursos criam o efeito de sentido de que “qualquer um” poderia ter dito aquilo em qualquer época, produzindo uma pseudo-realidade social em que todos seriam iguais e usariam a linguagem da mesma maneira.

Sob esse efeito interpretativo do genérico são “apagadas” as diferenças, dando a impressão de homogeneidade e de iguais possibilidades de escolha. Chamamos a atenção para o fato de que a construção *law-like* (em forma de lei), generalizante, confere aos genéricos um caráter de universalidade, fazendo parecer que eles carregam em si uma verdade válida em qualquer ocasião. Esse modo de funcionamento dos genéricos leva a uma tentativa de apagamento da subjetividade e das crenças e valores pessoais; há uma tentativa de impedimento de outras possíveis interpretações, o que produz o efeito de transparência do sentido e coloca, forçadamente, o ouvinte em uma posição determinada com relação à ideologia e ao desejo.

Sob esse ponto de vista, é possível observar a função dos genéricos de produzir o efeito segundo o qual o sujeito é aprisionado em uma única interpretação possível, articulado a determinada formação ideológica⁴. O discurso produz sentido e sujeito (PÊCHEUX, 1997) e, por meio da interpelação⁵, o sujeito é levado a ocupar uma posição-sujeito previamente estabelecida pela formação discursiva dominante do discurso do preconceito. Desse modo, o genérico serve como um chamamento ao sujeito para que este assuma “seu lugar” previamente estabelecido, sem que ele se dê conta disso. Nas palavras de Pêcheux:

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (1997, p.165-166).

Há um imaginário, construído ideologicamente, que afeta o sujeito do discurso sob o modo da interpelação, levando-o a identificar-se ora com a classe hegemônica, ora com a classe dominada,

⁴ Formação Ideológica: Conjunto complexo de atitudes e representações não individuais, nem universais, que se relacionam às posições de classe em conflito umas com as outras. A Formação Ideológica é um elemento suscetível de intervir com força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social. Pêcheux (1975) afirma que as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, sentidos esses que são determinados, então em referência às formações ideológicas nas quais se inscrevem estas posições.

⁵ A ideologia interpela o indivíduo em sujeito (ALTHUSSER, 1999).

colocando-o em lugares específicos de produção de sentidos, sem que ele (sujeito) tenha consciência de que o faz.

Essa postulação teórica nos permite concluir que o sujeito é levado, despercebidamente (visto que a ideologia age de maneira inconsciente), a muitas vezes ocupar a posição-sujeito do discurso dominante, mesmo estando empiricamente no lugar do dominado. Vozes coletivas, socialmente aceitas como “formadoras de opinião”, ecoam nesses enunciados. Como exemplo, citamos um genérico sobre o negro que circula na região do Vale do Paraíba: “Negro só entra no céu por descuido de São Pedro” (MAIOR, 2013). Tal enunciado visa construir um discurso sobre o negro que legitima tanto a escravidão, quanto uma suposta “inferioridade” racial.

Cabe investigar, então, quais são esses genéricos, a quais formações discursivas estão filiados e como neles emerge o sentido, afetado pela história.

Tfouni (2004) define o que são genéricos:

Trata-se de provérbios, slogans, máximas, rezas, fórmulas encapsuladas (conforme LEMOS, 1984), resumos historicamente constituídos de experiências e atividades do homem sobre o (no) mundo. [... os genéricos discursivos] codificam valores e crenças.

A autora (op.cit.) propõe que o genérico discursivo “tem o poder de apagar as marcas da enunciação, dando a ilusão da objetividade e de verdades completas”. O apagamento da origem da enunciação, do destino desta e de seu objeto (*de quem, para quem, onde*) tem como efeito a aparência de unidade do sujeito e de uma verdade universal.

Para ilustrar as considerações que temos feito até aqui, exemplificamos com alguns genéricos referentes à homossexualidade - tema desta pesquisa - encontrados na mídia eletrônica, a qual, é consenso, trouxe liberdade à troca de informações:

A homossexualidade é uma doença (ou seja: Todos os homossexuais são doentes);
É pecado ser homossexual, ou sentir atração pelo mesmo sexo;
O homossexual é uma vítima da sociedade.

Conforme afirmamos anteriormente, nosso objetivo, neste texto, é o de analisar genéricos sobre a homossexualidade, a fim de observar como a ideologia interpela esses lugares de suposta liberdade: Novas maneiras de nomeação surgiram? A expressão do preconceito ficou mais velada? Ou, pelo contrário, com a possibilidade de escamoteação da identidade, ela se acirrou?

Nossa reflexão parte de seqüências de enunciados, que remetem a condições de produção estáveis (recortes), de depoimentos postados no site do núcleo UNISEX⁶, destinado a promover o reconhecimento da diversidade sexual, a fim de estudar como a ideologia atua no funcionamento dos genéricos de modo a apagar sentidos indesejáveis, evidenciar outros, e possibilitar que novos sentidos surjam.

Seguindo o paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), e adotado pela Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1997), focamos nossa atenção em aspectos particulares, pistas e indícios muitas vezes ignorados (GINZBURG, 1989). Nosso trabalho de analista consiste em duvidar da obviedade do sentido, imposta pela ideologia, e interpretar as marcas linguístico-discursivas (neste caso, os genéricos), que indiciam um modo de funcionamento.

Orlandi (1996) afirma que o trabalho de análise desloca nossa posição de analistas, opera sobre a opacidade da linguagem, sobre a sua não evidência, e, com isso, torna relativa a relação entre sujeito e interpretação. Na análise, visamos atingir os processos de produção dos discursos, procurando descrever como língua e história funcionam em conjunto, afetadas pela ideologia (PÊCHEUX, 1997).

Sujeito e sentido nos genéricos discursivos

A Análise do Discurso é uma teoria que não propõe categorias prévias de análise e, em seu objetivo metodológico, busca desvelar os processos discursivos que subjazem aos processos sintáticos. Nesse processo, atenta para a estrutura sintática do enunciado em busca de lugares ou marcas formais (linguístico-discursivas) dentro de recortes⁷, os quais dão indícios de uma significação específica articulada à interpelação ideológica, que aloca algumas posições discursivas e proíbe ou interdita outras. Temos como resultado desse processo o lema “dizer x para não dizer y”, regra máxima da AD, derivada do esquecimento nº 1, comentado acima (PÊCHEUX, 1997). Na análise, os conteúdos interditados, que ficam no nível do não dito, do não formulado, retornam para o analista na forma de implícitos e de processos de silenciamento (ORLANDI, 1996) e passam a ser considerados como parte do sentido.

⁶ A definição do próprio site é: Núcleo Conhecer e Reconhecer a Diversidade Sexual. O Núcleo Universalidade e Diversidade Sexual é resultado da iniciativa de um grupo de acadêmicos com a proposta de desenvolver o conhecimento científico e promover o reconhecimento social da diversidade sexual.

⁷ Sequências de enunciados que remetem a condições de produção estáveis.

Após efetuar os recortes iniciais das marcas formais, o analista procura relacioná-las ao interdiscurso (aquilo que pode ou não pode ser dito) e, posteriormente, a um processo discursivo (que é capaz de dissipar a opacidade dos efeitos ideológicos do sentido supostamente óbvio e transparente). É importante ressaltar que os textos oferecem múltiplas possibilidades de análise o que está de acordo com a teoria da AD, que postula que não existe sentido único, mas sim uma multiplicidade de sentidos (o que nos permite atribuir um caráter polissêmico ao texto e ao discurso). Desvelar a relação com a ideologia nos mostra como o sujeito, a partir da posição de enunciador, relaciona-se com o imaginário, e de que maneira ele (sujeito) está se submetendo ao simbólico (por meio de uma posição de resistência ao *status quo*, por exemplo).

Assinalamos, também, que a AD não se dá em dois momentos distintos, como costuma fazer a análise de conteúdo tradicional. Como analistas do discurso, unimos o procedimento de análise com checagens da teoria, de modo que o processo analítico e as premissas e postulados teóricos estão o tempo todo em diálogo, um servindo para amparar o outro. Isso faz da AD uma disciplina *sui generis*, que se coloca como contraponto às ciências galileanas (positivistas).

Dentre os textos-comentários postados no site, selecionamos os seguintes:

Os homossexuais podem se tornar invisíveis. É só saberem dissimular ou mentir. A família, idealmente, é o lugar do abrigo e da segurança, da constância, da acolhida. Longe da família se é estrangeiro... Quem se assume homossexual espera apoio, amor, aceitação e respeito. A família é o primeiro lugar onde se espera isso, pois sempre será o primeiro lugar onde aprendemos a ser nós mesmos.

No primeiro recorte, há estrutura sintática de genérico (“todos os homossexuais...”), produzindo efeito de sentido que remete a uma condição que se refere a toda uma classe (os homossexuais). Na superfície linguística, nota-se a ocorrência da expressão “podem se tornar invisíveis”. Do ponto de vista ideológico, essa expressão contém a sugestão de que os homossexuais tentem passar despercebidos, ou se esconder. O verbo modal “poder”, por constituir uma homonímia, merece especial atenção, visto que esse é um lugar discursivo onde o sentido dado pelo genérico, que se pretende uno e homogêneo, escapa para outros sítios possíveis de significação, instituindo uma deriva. Como isso se dá? A homonímia de “poder” consiste no fato de que esse significante pode ser interpretado como expressando uma modalidade “epistêmica” (asseverando uma dúvida, uma hipótese), ou “deôntica” (asseverando uma norma social, uma permissão, ou proibição), ou ainda “alética” (no sentido de possibilidade). Ora, para a AD a deriva de sentidos reveste-se de fundamental valor teórico e analítico (PÊCHEUX, 2006). Com efeito, esses lugares onde o sentido pode vir a ser

outro indiciam outras formações discursivas possíveis ali onde se tentava instituir uma verdade universal através do genérico.

Então, utilizando a paráfrase (um recurso analítico poderoso), poderíamos ter:

“É permitido que os homossexuais se tornem invisíveis.”

“É possível que..... etc.”

“É desejável que..... etc.”

Mas também teríamos:

“É certo/errado que.....etc.”

O caráter movediço provocado pelo deslizamento possível de sentidos causado pela homonímia de “poder” representa, na materialidade, o caráter múltiplo da ideologia, o contraste entre formações discursivas muitas vezes conflitantes, e a existência de pelo menos duas posições-sujeito.

Na segunda parte do enunciado há uma espécie de receita (outro genérico), no sentido de direcionar a execução do que foi sugerido na primeira parte do mesmo: “é só saber dissimular ou mentir”. O analista, estranhando a materialidade linguística, questionaria os seguintes pontos: por que é desejável/ certo/errado/possível/permitido, etc. que os homossexuais tornem-se invisíveis; e por que é necessário que os homossexuais saibam dissimular ou mentir? No nível do não dito, podemos recuperar aí, ainda através do mecanismo parafrástico, o que ficou silenciado, a saber: os heterossexuais podem se tornar “visíveis”.

A seguir, pode surgir o seguinte questionamento: tornar-se invisíveis para “quem”? “Quem” desejaria que a homossexualidade fosse algo que não se notasse, que não se pudesse ver? O genérico “(todos) os homossexuais podem se tornar invisíveis. É só saberem dissimular ou mentir” cria o efeito de sentido de que há dois grupos sociais: os homossexuais e os heterossexuais; e que os homossexuais não seriam bem vistos ou aceitos pelos heterossexuais. A divisão de classes fica clara e, com ela, a tentativa de exclusão dos homossexuais de uma sociedade “normal” onde eles seriam aceitos desde que soubessem dissimular ou mentir, ou seja, desde que soubessem ocultar sua identidade e orientação sexual. Dessa forma, é possível afirmar que tal discurso se filia a uma formação discursiva oposta à homossexualidade. Existe um enunciador universal nessa fórmula que se identifica, representa, fala do lugar da heterossexualidade (seja ele, empiricamente, homo ou hétero, isso não importa para a AD).

Ao atentarmos para as condições imediatas de produção desse enunciado, recordamos que ele foi retirado de um *site* (Núcleo Conhecer e Reconhecer a Diversidade Sexual), que se define como “resultado da iniciativa de um grupo de acadêmicos com a proposta de desenvolver o conhecimento científico e promover o reconhecimento social da diversidade sexual”. Ora, com certeza não é a diversidade sexual que o genérico analisado pretende promover. O caráter resvalante da ação da ideologia e a irrupção do equívoco (provocada pelo verbo “poder”), que resulta na deriva de sentidos (como foi visto acima), agem sobre o enunciado, e mobilizam o analista. O que resulta da interpretação apresentada é que, sob a aparência de “boa” intenção⁸, ou seja, de colaborar com a proposta do site, e de oferecer uma “solução” para o preconceito contra os homossexuais, o genérico está colaborando para aprofundar o distanciamento entre as duas classes. Está sendo interpelado, sem se dar conta, exatamente ali, no sítio dos sentidos que talvez pretenda combater.

No segundo recorte, há a sugestão de que, na família, a diversidade sexual é aceita:

A família, idealmente, é o lugar do abrigo e da segurança, da constância, da acolhida. Longe da família se é estrangeiro... Quem se assume homossexual espera apoio, amor, aceitação e respeito. A família é o primeiro lugar onde se espera isso, pois sempre será o primeiro lugar onde aprendemos a ser nós mesmos.

Ocorre que, segundo Durham (1983), não há naturalidade na família, sendo esta uma criação humana mutável e, como tal, sujeita à ideologia da classe dominante, ao modelo burguês de família, o qual funcionou como alicerce da ascensão capitalista da burguesia. As formações discursivas dominantes estabelecem posições-sujeito dentro da família, que irão, de algum modo, influenciar a formação de casais heterossexuais e não, homossexuais. Os “lugares” sociais que o sujeito falante ocupa vão determinar sua posição-sujeito num discurso relativo a relações hierarquizadas, sustentadas no poder dos diferentes lugares a partir dos quais o sujeito se constitui ao enunciar, e essas relações de força se fazem valer (ORLANDI, 1999, p.39).

Segundo Foucault (2005) a “verdade” sobre a orientação sexual é histórica e social, constituída por práticas discursivas que constituem o sujeito como “sujeito de uma sexualidade”, de maneira que haja controle sobre a relação deste com o corpo. Esse discurso normativo sobre sexualidade dos casais, das mulheres e das crianças demarca o que são perversões sexuais, situando,

⁸ Isto nos leva a evocar outro genérico, amplamente difundido: “De boas intenções o inferno está cheio”.

entre elas, a homossexualidade. Esse processo tenta cristalizar uma estrutura e, ao mesmo tempo, busca conter o movimento dos sentidos, colocando a homossexualidade dentro de uma visibilidade controlada, implicando um assujeitamento “[...] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.” (FOUCAULT, 1987, p.166, *apud* JESUS, MESQUITA FILHO, 2013, p.3). Essas afirmações são corroboradas pelo seguinte depoimento: “[...] os casais homossexuais vêm sendo denominados como ‘parceiros’... Essa ideia de parceria às vezes é sentida com certo incômodo”. Tal desconforto é causado pelo fato de que ‘parceiro’ apaga o laço afetivo e sexual existente entre os casais homossexuais e os transforma em co-participantes de uma transação qualquer.

Discussão

Segundo Prado e Machado (2008), para que os homossexuais ganhem reconhecimento público e igualdade de direitos, é preciso que estes desconstruam toda uma rede de significações definidas por um padrão dominante de sujeitos. No *corpus* analisado neste texto fazemos um movimento interpretativo que questiona a visão negativa sobre a homossexualidade e, também, questionamos as formações discursivas contrárias a tal identidade sexual. Observamos que, ao se engajar nesse movimento de confrontação, o homossexual, por vezes, se apropria do discurso dominante (heterossexual).

Em nossa análise pudemos mostrar como o uso dos genéricos funciona a serviço de diferentes formações discursivas. A perspectiva discursiva (PÊCHEUX, 1997) torna possível observar o trabalho da ideologia no sentido de encobrir múltiplos sentidos, e direcionar para um sentido único. Até mesmo aqueles que dizem pertencer a uma formação discursiva dominada (homossexuais) enunciam conforme o sentido que vigora na dominante (heterossexuais), não se dando conta de que são assujeitados em seu próprio discurso. Na desconstrução dos efeitos ideológicos que recaem sobre o sentido e o sujeito na cadeia discursiva, obtemos a perspectiva da complexidade de possibilidades de interpretações de sentidos que circulam sobre a sexualidade em geral e, especificamente, sobre a homossexualidade. A análise discursiva (PÊCHEUX, 1997) dos genéricos faz-se, desse modo, instrumento capaz de “dissolver as névoas da ideologia” (GINZBURG, 1989), que obscurecem os pod(e)res de uma estrutura social.

Referências

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado, *In Um mapa da ideologia*, Slavoj Žizek (org.), Rio de Janeiro: Contraponto, p.105-142, 1999.

DURHAM, E. **Perspectivas antropológicas da mulher** 3, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões, trad. Lígia M. Ponde Vassallo, Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. História da sexualidade *In A vontade de saber*, Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux, trad. Bethania Mariani, Campinas: Ed UNICAMP, 1990.

GINZBURG, C. Sinais: raízes do paradigma indiciário, *In Ginzburg, C., Mitos, emblemas e sinais*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JESUS, U.; MESQUITA FILHO, O. **Discursos sobre a homossexualidade no espaço escolar**: considerações à luz da Análise do Discurso. Acesso em 22 de março de 2013. Disponível em http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-47.pdf

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das Representações Sociais, *In Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 2002, p.165-178.

MAIOR, M. O folclore do negro, *In Mario Souto Maior. Vida & Obra*. Acesso em 22 de março de 2013. Disponível em http://www.soutomaior.eti.br/index.php?option=com_content&view=article&id=37&Itemid=14

NÚCLEO UNISEX – Núcleo Universalidade e Diversidade Sexual. Acesso em 13 de março de 2012. Disponível em <http://nucleounisex.org/>

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e “cura” em perspectivas pastorais evangélicas. *Rev.bras.Ci.Soc*, v.21, n.61, 2006.

ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PRADO, M.; MACHADO, F. **Preconceito contra homossexualidades**. A hierarquia da invisibilidade, São Paulo: Cortez, (Preconceitos; v. 5), 2008.

TFOUNI, L. **Alfabetização e letramento**, São Paulo: Cortez, 2004.